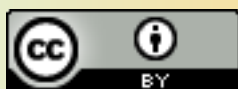


v. 17 n. 47 (2025)
set/dez

ISSN: 2177-1626

**Revista do Programa
de Pós-Graduação
em Educação**UNIVERSIDADE
**CATÓLICA
DE SANTOS**

Epistemologias em Tensão: políticas e formação democrática na educação

Revista Eletrônica Pesquiseduca - Número 47

Este número da *Revista Eletrônica Pesquiseduca* é publicado em um tempo que nos exige recolhimento e lucidez; gratidão e esperanças. Em 2025 perdemos dois intelectuais que marcaram profundamente nossa trajetória acadêmica e formativa.

Em setembro despedimo-nos do professor Alexandre Saul, então coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos e editor desta revista em período anterior. Sua atuação foi orientada por uma concepção humana, crítica e eticamente compromissada de formação. Para ele, coordenar não era administrar procedimentos, mas sustentar o diálogo, acolher diferenças e criar condições para que o pensamento florescesse com rigor e dignidade.

Em um cenário cada vez mais atravessado por métricas e pressões produtivistas, Alexandre afirmava que a pós-graduação não pode ser reduzida

a indicadores e dispositivos de avaliação instrumental. Formado sob a perspectiva da avaliação como processo formativo, buscava preservar espaços de humanização entre prescrições técnicas e formalismos institucionais. Recordar sua atuação é reafirmar a pesquisa como prática de emancipação e a formação como compromisso público. Ele representava, com rara coerência, o intelectual que compreende o conhecimento como responsabilidade histórica.

Poucos meses depois, em dezembro, despedimo-nos também de Bernard Charlot, membro do Corpo Editorial da *Pesquiseduca*. Sua obra atravessou o campo educacional ao recolocar no centro do debate pedagógico a questão do sentido e da relação desse sentido com o saber. Ao elaborar a noção de relação com o saber, Charlot deslocou a discussão pedagógica da lógica da transmissão para o plano da experiência humana, histórica e social. Formar, para ele, implicava reconhecer o sujeito como construtor de sentido, como alguém que aprende a partir de sua inserção no mundo.

Se Alexandre, no cotidiano institucional, defendia a formação como prática ética e política, e se Charlot nos oferecia fundamentos para compreendê-la como construção de sentido e posicionamento histórico, então a pergunta que permanece é inevitável: o que está acontecendo hoje com a formação? O que sustenta epistemologicamente os processos formativos em todas as instâncias educativas?

É a partir dessa inquietação e em homenagem aos estudos e pesquisas desses dois pesquisadores que este número assume o título *Epistemologias em Tensão: políticas e formação democrática na educação*.

A tensão a que nos referimos não é meramente teórica. Ela atravessa o cotidiano das instituições, os currículos, as políticas públicas e as práticas docentes. Trata-se de uma tensão entre concepções de formação: de um lado, a formação entendida como desempenho, adequação e mensuração; de outro, a formação compreendida como processo humano, crítico e democrático.

Quando a educação é progressivamente capturada por métricas, dispositivos avaliativos e discursos de eficiência, instala-se um deslocamento profundo. A formação tende a ser reinterpretada como treinamento; o professor, como executor; o estudante, como portador de competências a serem certificadas. É nesse cenário que as epistemologias revelam seus desequilíbrios.

Os textos reunidos nesta edição enfrentam esses deslocamentos com rigor analítico e compromisso crítico.

Evandro Ghedin e Greicy Oliveira Nascimento, em *“Hermenêutica crítica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa”*, defendem a hermenêutica como

paradigma reflexivo capaz de ampliar a compreensão dos fenômenos educativos. Ao afirmarem a interpretação como postura consciente e implicada, recolocam o pesquisador no interior da historicidade do objeto investigado e ampliam o horizonte metodológico da pesquisa em educação.

Suzete Terezinha Orzechowski, Erico Ribas Machado e Vanessa Elisabete Raue Rodrigues, em *“A epistemologia da Pedagogia e as políticas para além das temáticas escolares”*, analisam como determinadas políticas educacionais tensionam e fragilizam o campo científico da Pedagogia. O artigo reafirma a necessidade de uma epistemologia pedagógica crítica, capaz de sustentar a formação integral frente às reduções tecnicistas.

Juarez José Tuchinski dos Anjos e Luzineide de Oliveira Campos, em *“Orientações para o planejamento do ensino primário: as recomendações do manual do PABAE ‘Princípios Básicos de Prática de Ensino’ (1965)”*, evidenciam como a racionalização do planejamento escolar consolidou dispositivos de controle sob o discurso da modernização. Ao iluminar o passado, demonstram que muitos dos dilemas atuais possuem raízes históricas profundas.

Simone do Nascimento Nogueira e Maria Alzira Leite, em *“A leitura na formação docente: travessias contra-hegemônicas”*, mostram como a leitura crítica, articulada à pesquisa-ação pedagógica, pode transformar práticas formativas e fortalecer o professor como sujeito reflexivo, recolocando o trabalho intelectual docente como dimensão estruturante da prática pedagógica.

Cristiane Vieira de Santana e Willian Lima Santos, em *“Desafios do trabalho docente em classes multisseriadas e seus impactos”*, sistematizam os desafios enfrentados por docentes nesse modelo organizacional, como sobrecarga, planejamento para múltiplos anos e carência de recursos e formação específica, tornando visíveis desigualdades estruturais frequentemente naturalizadas.

Lucimar Gracia Ferreira e Taisa Souza Cruz Silva, em *“Formação de professores: o curso de pedagogia em análise”*, analisam propostas curriculares de cursos de Pedagogia e identificam fragilidades na preparação do professor alfabetizador, sobretudo na articulação entre teoria e prática, revelando lacunas que impactam diretamente o trabalho docente.

Ezequiel Jesus Paixão e Luana Patricia Costa Silva, em *“Na prática a teoria é outra?: PIBID e as relações na formação da identidade docente”*, discutem o PIBID como espaço de constituição identitária e formativa, evidenciando que a experiência prática se torna formadora quando mediada por reflexão crítica consistente e acompanhamento pedagógico atento.

Daliana Patricia Gonçalves Domingues, Claudiele Pereira e Ana Cristina Gonçalves de Abreu Souza, em *“A indução profissional dos professores principiantes: perspectivas emancipatórias”*, defendem políticas estruturadas de indução profissional e acompanhamento, superando a ideia de que o professor iniciante deve aprender isoladamente e reafirmando a docência como percurso formativo coletivo.

Elisabete Campos e Pedro Gonçalves Mota, em *“Gestão Escolar e Militarismo no Acre: riscos à formação democrática e ao pertencimento territorial”*, analisam os impactos de modelos de gestão militarizada, alertando para riscos à formação democrática e para o apagamento de diversidades culturais e territoriais, especialmente em contextos marcados por forte pertencimento socioambiental.

Ana Maria Schimanski e Maria das Graças Cleophas, em *“Ecofeminismo em Sala de Aula: Caminhos para uma Educação Transformadora e Sustentável”*, apresentam resultados de pesquisa-intervenção que articulam ecofeminismo, sustentabilidade e educação científica, evidenciando como experiências pedagógicas podem promover aprendizagens mais críticas e sensíveis às dimensões de direitos humanos e equidade de gênero.

Claudio Galiotto e Maria da Graça Nicoletti Mizukami, em *“Protagonismo juvenil: entre a inovação educacional e a racionalidade neoliberal”*, problematizam a captura do protagonismo juvenil por discursos neoliberais, mostrando como a noção pode ser deslocada para a responsabilização individual e perder seu potencial emancipatório quando desvinculada de mediação pedagógica crítica.

Edmar Lucas Ferreira Sehnem, em *“Educação de Jovens e Adultos: uma proposta para a formação continuada de diretores/as na rede municipal de Diadema/SP”*, apresenta fundamentos e proposta de formação continuada para gestores da EJA, reafirmando essa modalidade como espaço de emancipação social e fortalecendo práticas de gestão comprometidas com inclusão, autonomia e democracia.

O conjunto dos textos evidencia que as epistemologias não são neutras. Elas organizam práticas, legitimam políticas e definem horizontes formativos. A tensão que atravessa o campo educacional é, em última instância, disputa por um projeto de sociedade.

Se algo podemos recolher da trajetória de Alexandre Saul e da obra de Bernard Charlot é a exigência de coerência entre fundamento teórico e posicionamento ético. Formação não é apenas objeto de pesquisa; é prática institucional e escolha política.

Este número não pretende dissolver tensões, mas compreendê-las a partir dos distintos olhares que aqui se apresentam. Não buscamos sínteses apaziguadoras, mas

o aprofundamento do debate crítico, na convicção de que é na reflexão rigorosa que a formação preserva seu sentido humano e democrático.

Que os textos reunidos nesta edição, atravessados pela memória de Alexandre Saul e Bernard Charlot, contribuam para reavivar, entre nós, o compromisso com práticas pedagógicas críticas e emancipatórias, não como discursos bonitos, mas como exercício cotidiano de resistência e transformação social.

Santos, 16 de fevereiro de 2026

Prof. Dra. Maria Amélia do Rosário Santoro Franco

Editora-chefe.